

BOLETIM  
DIDÁTICO E INFORMATIVO  
VII VOLUME

PROPRIEDADE E DISTRIBUIÇÃO  
TUPOMI  
TEMPLO DE UMBANDA  
PAI OXALÁ E MAMÃE IANSÃ



**Grande Homenagem**

**OGUN**

**Tupomi**

**29/04/2017 15h00**



Festa

Pretos Velhos

13 de Maio

Festa

Ogum

23 Abril

Artigos Didáticos e  
de Opinião.

Partilhando Aprendemos e  
Ensinamos!

Evolução Mediúnica



**Templo de Umbanda Pai Oxalá e Mamãe Iansã**

Rua João Maia, 394, 4475-643 Santa Maria de Avioso – Maia

Contactos: 916 813 819

E-mail: geral@tupomi.pt

## AS LINHAS DE DIREITA E ESQUERDA

Uma das características cativantes na Umbanda é a interação com as entidades, a possibilidade de poder aprender e enfrentar as nossas dificuldades com a sua ajuda e nesse contacto vamos falando com as várias linhas de trabalho da Umbanda.

O tipo de abordagem e de ajuda, vai mudando de acordo com a linha que está a trabalhar naquele momento e até mesmo o tipo de ajuda que estamos a receber, muda sem que isso seja visível ou tenhamos consciência de tudo o que está a acontecer no momento em que estamos a falar com as entidades.



O panteão de entidades, hoje representado por Ibeijada, Pretos-Velhos, Caboclos, Elegbara, Baianos, Boiadeiros, Marinheiros e Povo do Oriente, formam as linhas de Umbanda de trabalho, aqueles que vêm com a orientação e protecção dos Orixás, evoluírem e ajudar-nos a evoluir.

Cada uma destas linhas tem o seu campo de actuação, não sendo uma mais importante que a outra, mas sim uma corrente de vários elos, onde cada elo tem a sua importância e entre todos, formam uma corrente de força.

Escutando quem á mais tempo estava na religião, ouvia falarem das entidades dividindo-as em a linha da esquerda ou da direita e questionei-me sobre o que isto queria dizer, esta divisão.

Porquê dividir as entidades desta forma, como se fosse uma força positiva e uma negativa e afinal nada tem a ver com isso.

As densidades e energias que são trabalhadas, essas sim estão ligadas a esta divisão, o tipo de trabalho que fazem, as cargas, o tipo de trabalho necessário a realizar, as esferas por onde têm de caminhar. E então, pelo que fui vivendo dentro do terreiro, observei que, enquanto umas linhas trabalham através de uma linguagem calma, trabalhando a auto-estima, dando uma orientação com uma palavra de esperança, ou seja, fortificando a visão de acreditar em esperança, mesmo os avisos são de uma forma suave, meiga.

Outras linhas trabalham na base do choque, da verdade dos acontecimentos; para criar um abanão, mostrando o que fizemos e não mudamos e mesmo assim queremos resultados novos fazendo sempre teimosamente o mesmo, com um discurso directo, que por vezes custa ouvir.

Mas essas linhas não estão preocupadas em serem simpáticas, mas sim em definir e reorganizar a autodeterminação do que é necessário fazer para se obterem resultados diferentes. Assim para mim, enquanto a linha da direita é mais suave, a linha da esquerda é mais directa.

Na linha da direita, considero a Ibeijada, Preto-Velho, Caboclo e na linha de esquerda Elegbara.

Então e os Baianos, Marinheiros, Boiadeiros e Oriente, bom, estas linhas apesar de serem mais de direita, trabalham nos dois lados conforme as necessidades do que estão a fazer, apesar de trabalharem em energias mais densas também.

Não quer dizer que sempre que acharem que têm de passar os trabalhos para outra linha, que não encaminhem para quem acham que têm de encaminhar, na verdade assim como todas elas. Por tanto esta divisão, está directamente ligada com tipos de trabalhos, densidades de energias, assuntos e até limpezas de ectoplasma. Fica para mim a faltar, falar da excepção á regra, ou seja, a linha do Sr. José, normalmente falado como a linha de Zé Pelintra. Não existe divisão nem limitações, aparece quando quer, quando tem de ser, quando assim acha, para fazer aquilo que só ele sabe que vem fazer.

Salves todas as linhas



Resolvi partilhar esta mensagem pelo forma clara de que uma entidade vem trabalhar na linha que necessita neste caso e seguindo o texto anterior na mesma frequência.

É mensagem de Preto Velho, linha Pai Jerônimo.

“Um certo dia, ele atendeu de uma senhora que lhe veio consultar sobre um tumor nos seios, diagnosticado por uma mamografia.

Passes daqui, trabalhos dali, enfim, uma consulta normal...vela, erva, água...

Disse o preto:

- *É mizim fia... Tá feito...mas num deixa de procurá o Homi de branco, dispois vem contá pro nego...nego vai ficá no toco esperando zunce vortá...*

E saiu a consulente.

Numa próxima gira, estava lá o preto no toco e chegou a sua consulente, já na segunda parte do trabalho.

– *Podi entrá mi zim fia, tava le esperano....*

– *É meu Velho, fui no médico sim... ele disse que o tumor sumiu, vai ver foi engano, o que a mamografia mostrou foi uma sombra de um queloide, que eu já tinha de cirurgia anterior. mas vim lhe agradecer, pois sei que o Senhor me curou..*

*Diga, meu Pai, o que o Senhor quer de presente, quero lhe agradecer...*

Em nossa casa, as entidades as vezes ganham presentes, charutos, bebidas, mas não que peçam, porque as pessoas trazem em agradecimento mesmo, como deve ser em todo lugar.

Mas naquele dia o preto pediu...

– *Me traga um bolo de chocolate, mi zi fia, suncê pode faze isso...?? Mais tem qui ser na próxima gira... eu num vô tá aqui, mas fala com o caboclo chefe que ele manda mi chamá....*

Todos estranharam, e eu mais ainda, passei a semana pensando naquele pedido, eu que amo bolo de chocolate, pensava comigo, Meu Velho... porque um bolo, Meu Pai... Até os filhos da casa acharam estranho e houve uma brincadeira ou outra... do tipo achando que iam comer o bolo....Alguém arriscou dizer que era a comemoração pela cura da mulher... Enfim... esperei ansiosa... Afinal... confio neles.

Em verdade torci para a mulher nem aparecer com aquele bolo...

Mas ela apareceu, e sentou na primeira fila, como tal bolo, todo confeitado de confetes coloridos.

Chegou o preto, com autorização do chefe do terreiro....

– *Trouxe meu bolo, mi zim fia...*

– *Trouxe meu velho...*

Então o preto levantou e disse que na assistência tinha uma menina, de cor morena, que estava fazendo aniversário, 14 anos, e chamou-a.

Disse à menina:

– *Mi zim fia, esse é presente que sunce pediu ao seu anjo da guarda, ele não pode vir, mandou o nego te entregar...*

A criança marejou os olhos e saiu com o bolo na mão, sentar ao lado da mãe, que chorava muito na assistência. Em 14 anos, nunca havia ganhado um bolo de chocolate....Nunca mais voltou, nunca mais vimos. E nunca esquecemos esta história.”

Retirado da Internet

Autor desconhecido

Alexandre Gonçalves

# AS LINHAS DE UMBANDA – DO ESOTERISMO AO OMOLOKÔ

## PARTE VI

### 3.3) As Histórias sobre Omolokô

Trata-se da prática do ritual dos negros escravizados. Em todas as religiões em que o elemento Banto predominou, e principalmente no Sudeste, dois tipos de culto desenvolveram-se no século XIX, tomando vulto e ocupando toda parte religiosa dos negros escravizados e seus descendentes.

O primeiro chamava-se Candomblé de Angola/Congo. O Segundo, que recebeu também influências Nagô, chamava-se Macumba.

De certa forma, as antigas Macumbas e o Candomblé, principalmente o Candomblé de Caboclo, se mesclaram e deram forma ao Omolokô que se constituiu em uma fusão harmônica do culto aos Orixás (ou Inkices) e o trabalho dos guias espirituais como: pretos-velhos, caboclos, boiadeiros, etc.

Todo o ritual de culto aos Orixás do Candomblé foi mantido e direccionado aos guias, como: oferendas, assentamentos (o guia tinha um local onde eram colocados seus materiais mágicos, etc., nos mesmos moldes dos Orixás), cânticos, etc.

O Filho de Santo do Omolokô passava por todo um ritual de iniciação, da mesma maneira que no Candomblé, porém com variações que incluíam ritos para os seus guias.

As referências que se têm em relação ao culto Omolokô, em sua maioria, vêm de Pai Tancredo da Silva Pinto (década de 50 do século XX) que foi a África e que, segundo ele, identificou os elementos já utilizados no Brasil como forma de culto, trazendo o nome daquilo que já era praticado como culto Omolokô. Segundo alguns autores, foi por intermédio dele que apareceu o Omolokô no Brasil. Todavia, na realidade, apenas trouxe uma identificação do que no Brasil era praticado com seu similar originário ou ancestral em África.

Esta identificação que Tancredo notou foi principalmente que, em África, os espíritos ancestrais eram cultuados e referenciados de maneira similar aos Orixás, sendo o médium receptáculo tanto dos Orixás (inkices), como dos espíritos ancestrais. Este tipo de prática era negada nos candomblés mais tradicionais, em que apenas os Orixás eram cultuados, não permitindo que os guias ali penetrassem nos médiuns.

Várias casas de Umbanda, consideradas de cunho africanista de culto, originaram-se no Omolokô (ou nas antigas Macumbas que, mais tarde, algumas foram reconhecidas como Culto Omolokô, sobretudo depois de Tancredo da Silva Pinto) e mantiveram toda uma estrutura de culto aos Orixás em harmonia com os guias espirituais.

Outra história...

Pesquisas mais recentes dão conta que a origem do nome Omolokô pode também estar ligado ao povo Loko, que era governado pelo rei Farma, no Sertão da Serra Leoa. Ele foi o rei mais poderoso entre todos os Manes. A sua cidade chamava-se “Lokoja” e localizava-se a margem do Rio Mitombo, afluente do rio Benue, que por sua vez é afluente do grande rio Níger.

Lokoja ficava próxima do reino Yorubá. O povo Loko também era conhecido pelos nomes de Lagos, Lândogo e Sosso. O nome “Loko”

foi primeiramente registrado em 1606. Também há registro de desse povo com o nome de Loguro. Os Lokôs viveram até 1917 a oriente dos Temnis de Scarcies. De acordo com pesquisas realizadas, a tribo Loko estava dividida em tribos menores ao longo dos Rios Mitombo, Bênué e Níger, e no litoral de Serra Leoa.

Em 1664, o filho do rei Farma foi batizado com o nome de D. Felipe. Evidentemente torna-se claro que o princípio da sincretização afro-católica já acontecia na África antes da vinda dos africanos ao Brasil. Acredita-se que a Tribo Loko pertencia a um grupo maior chamado Mane e que os povos dessa tribo vindos escravizados para o Brasil formaram o que hoje conhecemos como Nação Omolokô.

Os povos Mane tinham por costume usar flechas envenenadas e arcos curtos, espadas curtas e largas, azagaias, dardos e fâscas que traziam amarrados embaixo do braço. Para combater o veneno de suas flechas, em caso de acidente, usavam uma bolsinha com um antídoto. Avisavam os seus inimigos o dia em que iriam atacá-los através de palhas - “tantas palhas, tantos dias para o ataque”. Traziam no braço e nas pernas manilhas de ouro e prata. Também eram amigos dos “brancos” que invadiram a África Negra. Adoravam assentamentos de deuses e ídolos de madeira em figura de homem e animais.

Quando não venciam as guerras açoitavam os ídolos e quando as batalhas eram vencidas eles ofereciam aos deuses comidas e bebidas. Chamavam as mulheres de “cabondos” e tinham como marca a ausência dos dois dentes da frente.

O Omolokô instaura-se no Rio de Janeiro, segundo estudiosos, no século XIX, compondo-se e organizando-se por completo no País a partir do conhecimento trazido por negros vindos da África e seus descendentes.

Resulta directamente da herança do período colonial, sofrendo influência de diversas vertentes religiosas da África, predominantemente o culto aos Orixás e aos Inkices (com ênfase nos Orixás, tornando particular sua forma de culto), mantendo a cosmologia de cada origem, mas interpretando-as a partir de rituais religiosos contemporâneos. Este facto torna-o diferente dos candomblés tradicionais que mantêm o domínio de sua região original.

No Rio de Janeiro, com a miscigenação e influência do Espiritismo francês instaura-se um novo movimento denominado Omolokô, disseminado prioritariamente por Tancredo da Silva Pinto. Mantém-se como um exemplo deste seguimento a casa-de-santo Okobalaye, fundada na cidade de São Gonçalo/RJ e o Centro Espírita São Benedito, chefiada por Pai Matuazambi, origem Nagô.

A continuar...

Trabalho realizado no âmbito da  
Escola de Curimba Caboclo Tupinambá

## CURIMBA PARTE II

Falando agora da função de atabaqueiro e curimbeiro, ou simplesmente da função de “ogã” como popularmente as pessoas chamam na Umbanda, enfatizamos a importância deles serem bem preparados para exercerem tal função em um terreiro. Infelizmente ainda hoje a mentalidade de que o ogã é “qualquer um que não incorpore” persiste. Mas afirmamos, o ogã como peça fundamental dentro do ritual é também um médium intuitivo que tem como função comandar todo o “setor” da curimba. Por isso faz - se necessário que seja escolhido uma pessoa séria, estudada, conhecedora dos fundamentos da religião.

Além disso, o ideal é que o “neófito” que busca ser um novo ogã procure uma escola de curimba, onde aprenderá os fundamentos, os toques de nação e “como”, “o quê” e “quando” cantar.

Mulheres também podem ser atabaqueiras e curimbeiras, SIM! O “cargos” de ogã vem do candomblé e apenas é dado a pessoas do sexo masculino. A mulher no Candomblé não toca atabaque, por alguns dogmas da religião, principalmente em relação à menstruação. Na Umbanda não importamos dogmas e conceitos do candomblé, mas sim seguimos os nossos, passados diretamente pelos nossos guias e mentores. Nunca vimos um caboclo ou preto – velho proibindo mulher de tocar atabaque, por isso afirmamos, na Umbanda mulher toca e canta sim e, diga – se de passagem, muitas vezes melhor do que os próprios homens.

Por fim, queremos fazer alguns comentários a cerca da espiritualidade que guia os trabalhos da curimba. Muitas linhas de Umbanda existem no astral e trabalham ativamente nele, apesar de não incorporarem. Existem muitas linhas de caboclos, exus, pomba – giras, etc, que por motivos próprios trabalham nos “bastidores”, sem incorporarem ou tomarem a “linha de frente” dos trabalhos espirituais. Também existe uma corrente de espíritos que auxiliam nos toques e cantos da curimba. São mestres na música de Umbanda, verdadeiros guardiões dos mistérios do “som”. Normalmente apresentam – se com a aparência de homens e mulheres negras, com forte complexão física para os homens, e bela mas igualmente forte para as mulheres. Seus trajes variam muito, indo desde a roupa mais simples como um “escravo” da época colonial, como até mesmo o terno e o vestido branco.

São espíritos bondosos, muito alegres e divertidos, que com o cantar encantam a muitos no astral. Alguns fazem – se presente auxiliando o toque, outros o canto e outros ainda auxiliam a manutenção da energia e sua dissipação dentro do terreiro. Muitas vezes chega a acontecer uma espécie de “incorporação” desses guias com os ogãs, os inspirando a determinados toques e cantos. Qualquer pessoa com experiência em curimba pode relatar casos aonde um ponto vem na hora que ele é necessário e depois você simplesmente o esquece. Isso acontece sobre inspiração desses mentores.

Algumas vezes também, em festas de Umbanda e dos Orixás, onde muitos se reúnem, percebemos que diversos espíritos chegam portando seus “tambores astrais”, percutindo – os a partir do astral, ajudando na sustentação e na energia das festividades, potencializando ainda mais os toques dos atabaques e as energias movimentadas.



Quando os guias, incorporados fazem sua saudação à frente dos atabaques, estão saudando as pessoas que tocam, estão pedindo para que as forças movimentadas pela curimba sejam benéficas a todos, mas estão principalmente, saudando e agradecendo a toda essa corrente de trabalhadores “anônimos” do astral. Estão percebendo como muita coisa foge aos nossos sentidos em uma “simples” e humilde gira de Umbanda?

Sabemos que esse universo da curimba muitas vezes é pouco explicado, e muitos chegam a defender a abolição dos atabaques dos centros de Umbanda. A isso, os próprios guias e mentores de Umbanda respondem, tanto incentivando os toques e trazendo mentores nesse “campo” , como também, abrindo turmas de estudo de Umbanda e desenvolvimento mediúnico, onde percebemos claramente que o “animismo” acontece por despreparo do médium, falta de estudo ou orientação e não pelo uso de atabaques. Colocar a culpa nos atabaques é como “tampar o sol com a peneira”. Afinal, como explicado parágrafos acima, o atabaque quando bem utilizado é ótima ferramenta para o desenvolvimento mediúnico.

Atabaque (ou Tabaque) é um instrumento musical de percussão. O nome é de origem árabe: at-tabaq (prato). Constitui-se de um tambor cilíndrico ou ligeiramente cônico, com uma das bocas cobertas de couro de boi, veado ou bode.

É tocado com as mãos, com duas baquetas, ou por vezes com uma mão e uma baqueta, dependendo do ritmo e do tambor que está sendo tocado. Pode ser usado em kits de percussão em ritmos brasileiros, tais como o samba e o axé music

No candomblé é considerado objeto sagrado.

A continuar...

Trabalho realizado no âmbito da  
Escola de Curimba Caboclo Tupinambá

# ÈSÚ (EXÚ) – O ORIXÁ

## PARTE II

Como vimos anteriormente, todo o Orixá tem o seu próprio Èsú e com tal, cada Èsú é invocado e cultuado junto com o Orixá que lhe corresponde, como se de uma parte indissociável do Orixá se tratasse. Os Ódús, ensinam que Èsú deve e tem de fazer parte de tudo, seja animado ou inanimado, tal como os próprios Ódús. Assim, apesar de numerosa, a sua natureza e origem são únicas. Olodumaré, criou Èsú como um Ébora muito especial, com o intuito de Ele existir em tudo, tal como viver em cada pessoa. Quer pelas competências, pelo seu poder de realização, pela sua inteligência e natureza dinâmica, é o Èsú individual, (por isso distinto de todos os outros - Olodumaré não criou duas coisas exactamente iguais), quem guia e orienta os caminhos de cada ser. É Ifá quem o revela, para que tenhamos conhecimento. É Èsú quem soluciona e resolve todos os “Trabalhos”, quem procura e mostra os melhores caminhos para cada um, que fecha ou abre esses caminhos e sobretudo que ajuda, com o seu poder de mobilização e desenvolvimento, a concretizar todas as tarefas atribuídas ou delegadas a cada entidade, seja ela natural ou sobrenatural. Èsú é UM, multiplicado ao infinito. É por de mais conhecida a relação de Èsú com o número 1. Num trecho de um ITAN, ilustra-se bem esta relação, pois conta-se que “quando Èsú acabou de se preparar para vir do Orún para o Aiê já que (Sic) ”queria abençoar aqueles que



não eram numerosos na terra e porque ele percebia claramente que as cidadezinhas se lastimavam amargamente por não crescer”, ele convocou todos os seus descendentes no Òrun, (Sic) “os filhos de seus filhos, de geração a geração” e os contou durante longo tempo: “eram mil e duzentos. Àgbà Èsú, ele próprio, o rei de todos, acrescentou UM a seu número, o que fez 1201” Outra interpretação, “ a adição de uma unidade ao número redondo (quarenta ou duzentos) evoca a continuação... o número redondo, ao contrário,... marca a paralisação, estagnação na numeração, logo por analogia, reporta uma paralisação das relações sociais das partes, económicas ou outras... um limite...”(Maupoil (1943:368). É esta capacidade dinâmica de Èsú, que permite também aos Orixás, exercerem o poder de realização que a cada foi atribuído por Olodumaré. Esse poder, que permite a cada ser realizar as suas funções e destinos. Èsú é o Senhor-do-poder, Elegbára, ele é ao mesmo tempo seu controlador e sua representação. (Sic) Olórun, confiou-lhe esse poder quando lhe entregou o Àdó-Iran (a cabaça). Èsú Elegbára, é o companheiro inseparável de Ogun, a ponto de chegarem a confundir-se.(Sic) Na iniciação de sacerdotes de Ogun, de acordo cm a orientação no Candomblé, devem fazer-se rituais específicos, para evitar que Èsú se manifeste. Èsú, não pode manifestar-se, pelo menos nos terreiros tradicionais, pois o seu poder, ultrapassaria as forças humanas. Èsú, é como já vimos, o princípio dinâmico, a força e a vida de tudo o que existe, pelo que só Ogun o pode representar. De acordo com a tradição Africana, Èsú, tal como Ifá, tem um culto e sacerdotes, mas pelo seu significado, está ligado ao culto de todos os ancestrais e Orixás e participa de todos eles. A sua representação, através de Ogun, está ligada á simbologia similar com Ogun. Èsú, é o primogénito do universo, Ogun, é o primogénito dos Orixás. “Analisando a concepção do universo, sobre a origem dos elementos cósmicos, destaca-se Èsú- Yangi, como a proto - forma, a primeira matéria, dotada de existência individual “ lama dotada de forma(...) resultado da interacção de água + terra; lama, matéria-prima, da que IKÚ tomou uma porção para modelar o ser humano. Yangi, constituído da mesma matéria de origem, converte-se assim, no primogénito da humanidade. (...) Yangi é a representação mais importante de Èsú.(Sic) Èsú Yangi Oba Baba Èsù = Èsù Yangi Rei pai de todos os Èsù .”(Sic)

(Cont.)

## VIVENDO... APRENDENDO...



Quem nunca caminhou na praia? Acho que não existe uma única pessoa, que não o tenha feito. Mas quantos, sentaram, olharam a areia e tentaram entender a sua vivência, sua “organização social”?! A areia da praia, na minha observação pessoal, foi colocada daquela forma, não por coincidência mas por razões funcionais, de forma que esta maravilhosa Obra de Deus - Universo, funcione em pleno equilíbrio, em interação com todos os elementos e seres da natureza, sejam eles vivos ou não. A areia da praia, é um conjunto infinito de grãos, que vivem juntos, pela eternidade. Não há conflito entre eles. Do mais pequeno ao maior, todos vivem juntos. Os maiores protegem os mais pequenos. Os mais pequenos, porque são mais, protegem os maiores... É! Ajudam-se mutuamente. Sem esperar louvor. Alguns grãos, são por vezes escolhidos e separados dos outros, para cumprirem uma nova missão, bem longe dos seus irmãos, do seu ambiente natural. Mas logo o seu espaço é ocupado, pelos outros grãos de areia. A coesão, a força e a missão dos que ficam, não pode fraquejar. Um dia voltarão ao seu lugar! Tudo na natureza funciona desta forma. Então, porquê o homem, que provem do mesmo Criador, com a mesma missão, com o mesmo objectivo, adulterou as regras da vivência e sobrevivência do Criador? Os homens, analisando em profundidade, não são mais que os grãos de areia. Como não são mais do que qualquer conjunto de partículas criadas. Portanto como eles, nenhum homem se deveria considerar mais que outro... por qualquer que seja a razão. Ninguém é mais forte, mais inteligente, mais sábio, mais amigo, mais irmão, mais crente, mais caridoso, mais ...tanta coisa... que o outro. Apenas sabem, sentem, viveram, caminharam, observaram, aprenderam e tantas outras coisas, de formas diferentes. Essas coisas e formas diferentes, estão no coração de cada um, apenas. Partilhar, cabe a cada um de nós decidir, como, o quê e quando. Sabem de nós, apenas aquilo que cada um quer que se saiba. Tudo mais, são apenas suposições criadas por quem se considera mais que o grão de areia ou o conjunto de partículas, mas nada sabe, mas quer saber e mostrar que sabe e portanto é contra a regra do Criador... Quem sabe e pode mais que Deus? NINGUÉM !!!

### Luz-Paz-Amor-Humildade-Caridade-Fé- Fraternidade-Simplicidade-Verdade-União

Eis uma pequena história que encontrei, desconheço porém a autoria.

#### Lições Importantes que a Vida Ensina...

*“Durante meu segundo mês na escola de enfermagem, nosso professor nos deu um questionário. Eu era bom aluno e respondi rápido todas as questões até chegar a última que era: “Qual o primeiro nome da mulher que faz a limpeza da escola?” Sinceramente, isso parecia uma piada. Eu já tinha visto a tal mulher várias vezes. Ela era alta, cabelo escuro, lá pelos seus 50 anos, mas como eu ia saber o primeiro nome dela? Eu entreguei meu teste deixando essa questão em branco e um pouco antes da aula terminar, um aluno perguntou se a última pergunta do teste ia contar na nota.– “É claro!” – respondeu o professor – “Na sua carreira, você encontrará muitas pessoas. Todas têm seu grau de importância. Elas merecem sua atenção mesmo que seja com um simples sorriso ou um simples alô“. Eu nunca mais esqueci essa lição e também acabei aprendendo que o primeiro nome dela era Dorothy”*

de um Irmão ou irmã



#### Ofá

é um arco e flecha; arma sagrada usada por Oxossi, entidade dos cultos afro-brasileiros.



#### Eruexim, ou Irukerê

é constituído por cauda de boi, de búfalo ou de cavalo.

Têm como finalidade afastar os espíritos para o seu espaço sagrado, eliminar as adversidades da comunidade e de atrair a fartura e prosperidade.

Na África, os Babalaôs e nobres os usam como símbolos de status, utilizando-os também para espantar moscas.



#### Ogê

chifres de touro ou de búfalo que fazem a comunicação entre o Aiyé e Orún, chamados de: Olugboohun: “o senhor escuta a minha voz.”



# Noventa e dois anos de pu- ra inovação: Mãe Stella de Oxóssi lança aplicativo

Para festejar aniversário, Ialorixá criou app para celular com orientações e mensagens

“Ninguém é tão sábio que não tenha necessidade de ser um eterno apren-diz”. Essa é uma das frases que fazem parte do repertório disponível em um aplicativo idealizado e produzido por Mãe Stella de Oxóssi. A Ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, que completou 92 anos ontem, decidiu festejar inovando - e a frase resume bem a ideia da comemoração. Para ela, não há tempo que impeça o avanço na tecnologia.

O interesse de Mãe Stella pela nova plataforma veio após ler uma reportagem que falava a respeito de aplicativos para celular. Ela, então, perguntou para a filha de santo Graziela Domini, que explicou rapidamente a lógica dos famosos ‘apps’.



Mas foi com o professor Nelson Pretto, da Universidade Federal da Bahia (Ufba), que a ideia da Ialorixá se concretizou e, então, nasceu o app chamado de Orientações de Mãe Stella. E ela própria explica como o projeto surgiu.

“Chegou Pretto, que é da universidade e escritor também, e assim que ele entrou, eu perguntei: ‘O que é aplicativo?’, e ele: ‘Pra quê que você quer

saber?’. Eu fiquei acanhada e disse que eu queria saber o que era, porque eu não sabia. Depois que ele explicou, eu disse: ‘Ah, interessante, eu quero fazer um aqui pro axé’”, conta ela.

E nem o fato de ter apenas uma explicação inicial do que queria atrapalhou as ideias de Mãe Stella. “Me disseram: ‘Stella, você não sabe nem o que é direito’, e eu disse: ‘O orixá orienta’, e ele orientou-tou mesmo”, lembra a Ialorixá.

A mãe de santo resume a importância do aplicativo lançado, ontem, oficialmente: “É o trabalho da gente, mesmo, isso aí, trabalho do axé”, diz. O app está disponível nas lojas da Apple Store e Play Store e pode ser baixado gratuitamente.

Surpresas Aplicativos como o idealizado por Mãe Stella não são novidade, mas abrangem as religiões católica e evangélica. A ideia, partindo do candomblé, é inovadora e chegou a causar espanto.

“É um esforço interessante, que nasce de uma ideia dela. Fui fazer uma visita a Mãe Stella e ela me disse: ‘Professor, precisamos de um aplicativo’. Comecei a dar risada, 90 e tantos anos e querendo um aplicativo?”, lembrou o pesquisador Nelson Pretto, que é professor da Faculdade de Educação da Ufba. Foi ele que se mobilizou para fazer o intermédio entre os desenvolvedores e o terreiro para a produção do conteúdo.

O desenvolvedor da ferramenta também ficou surpreso com a iniciativa da Ialorixá. “Eu fiquei bastante surpreso, nunca imaginei que Mãe Stella fosse ter essa ideia. Mas me inspirei a desenvolver aplicativos para outras religiões. Eu tenho aproveitado o conhecimento adquirido nessa experiência para desenvolver aplicativos para outras linhas, cabalísticas, espiritualistas”, conta Lucas Cascudo, que desenvolveu o software.

Recebendo orientações “Às vezes, a gente está conversando (ela e Graziela), nós fazemos tantas conversas, são conversas profundas, que a gente diz que fazemos um seminário. E foi por trás disso que veio o aplicativo e um livrinho de pensamentos também”, conta Mãe Stella.

Toda a ideia do aplicativo veio dela, até as cores: tons de azul, de seu orixá regente. “Ela viu um aplicativo da Caixa e gostou das cores e pediu que a gente fizesse desse jeito”, diz Lucas, o desenvolvedor.

O uso do aplicativo é bem simples. Basta abrir e ler as mensagens ou dar play no áudio para ouvir a frase com a voz da própria Mãe Stella de Oxóssi. Depois, é só apertar outro botão para avançar e ouvir/ler outro pensamento.

Registros Ialorixá, Mãe Stella também é conhecida por suas publicações, todas com a temática do candomblé, levando a religião que tem tradição oral para outras expressões. O professor Nelson Pretto destaca o compromisso da líder religiosa com a formalização da religião.

“O que ela queria, na verdade, era a ideia de deixar registrado, de ter um registro grande de toda cultura do candomblé, afro-brasileira. Mãe Stella tem uma responsabilidade muito grande nisso, sempre uma pessoa que escreve muito, fala muito”, analisa.

Para ele, o aplicativo completa essa missão. “Vem pra ajudar, um aplicativo muito simples, muito singelo, o início de um registro mais permanente dessa importância”. Ao todo, são 60 gravações no aplicativo, com pensamentos que falam sobre amor, sabedoria, evolução espiritual, generosidade e outros temas. O app também teria outras seções, como uma parte dedicada ao

iorubá, mas que acabou sendo deixada de lado por dificuldade de fazer as gravações com José Beniste, um especialista no idioma que mora no Rio de Janeiro.

Para o antropólogo e poeta Marlon Marcos, o aplicativo causa estranhamento, mas deve ser visto como uma boa intenção da casa de axé. “A questão do app, eu vi com certo estranhamento, porque teve um período que as pessoas estavam tentando fazer histórias em quadrinhos e colocar orixás como super-heróis, como Mulher Maravi-lha, Super-Homem. Mas, quando trata da plataforma e a intenção dela, ela é sempre muito bem intencionada e as pessoas por trás dela também. Ela não está sozinha, tem gente que faz parte do alto escalão do terreiro que avalia o que é criado”, pontua.

O antropólogo Marlon Marcos também alerta para a possibilidade de essa atitude virar uma lógica de mercado. “No sentido de ensinamentos, eu acho que perpetua, mas tudo isso tem a ver com uma lógica que, para mim, não é religiosa, é de mercado. E a gente tem que tomar cuidado. Mesmo as casas mais autorizadas têm que tomar cuidado”, completa.

Aniversário Para comemorar os 92 anos de Mãe Stella, foi realizado um almoço aberto na sede do Ilê Axé Opo Afonjá, no bairro de São Gonçalo do Retiro, para frequentadores e a comunidade. Antes do almoço, vestida de azul, a Ialorixá foi para o quarto descansar o “o corpo cansado de 92 anos”, como descreve, e contou o que deseja para a humanidade dos próximos anos.

“Estamos nessa luta aí e vamos ficar até o fim da vida e, com certeza, vai dar certo. A gente está ajudando a humanidade. A humanidade precisa de quem acredita na espiritualidade. Antes, as pessoas achavam que era só feitiço, agora as pessoas que eram de instrução estão envolvidas com o candomblé e já se valoriza mais”, avalia.

Mãe Stella aconselha que a humanidade se dedique a ter menos inveja e pensar em boas ações. “Tenha cabeça para pensar no verdadeiro, nas boas ações e no bem dos outros, que o mundo perca essa avareza, todo mundo tem inveja dos outros”, completa.

Ministros irão visitar terreiro do Afonjá Nesta quarta-feira (4), uma comitiva formada por ministros de pais de língua portuguesa irá visitar o terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, liderado por Mãe Stella de Oxóssi há 40 anos, para conhecer as obras que funcionam no lugar.

A visita faz parte do X Encontro Ministros da Cultura - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que terá representantes do Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, Timor Leste e São Tomé e Príncipe.

Na lista da visita estão a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, a exposição de obras dos artistas do terreiro, a Biblioteca Maria Stella de Azevedo Santos, o Museu Ilê Ohun Lailai, o Busto de Mãe Aninha, creche, Casa de Cultura Odé Káyodé, Casa do Alaká e Praça Odé Káyodé.

A comitiva vai se reunir com Mãe Stella e participar de rituais na casa, além de assistir a apresentações culturais de alunos da escola.

Noventa e dois anos de pura inovação: Mãe Stella de Oxóssi lança aplicativo

Para festejar aniversário, Ialorixá criou app para celular com orientações e mensagens

[HTTP://WWW.CORREIO24HORAS.COM.BR/](http://WWW.CORREIO24HORAS.COM.BR/)

23:26

03 DE MAIO DE 2017